

# Enunciação, dialogismo e autoria em enunciados midiáticos verbo-visuais

*Enunciation, dialogism and authorship in verbal-visual media utterances*

Pedro Farias FRANCELINO\*  
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

**RESUMO:** Uma das teses correntes na teoria da enunciação proveniente dos trabalhos do Círculo de Bakhtin é a de que a linguagem é uma instância social, histórica e ideológica, na qual e pela qual os sujeitos se constituem. Neste trabalho, fundamentado na Análise Dialógica do Discurso, de inspiração bakhtiniana, refletiremos sobre a constituição do sujeito autor a partir do uso que faz dos modos de organização do discurso de outrem no processo enunciativo, no gênero discursivo *charge*. A partir dessa amostra, analisamos o processo de constituição/representação do sujeito na enunciação, observando como ele se constitui um sujeito singular em um meio extremamente dialogizado, processo este que caracterizamos como autoria.

**PALAVRAS-CHAVE:** Enunciação. Discurso de outrem. Autoria.

**ABSTRACT:** One of the current ideas in the Theory of Enunciation that comes from Bakhtin's Circle is that language is a social, historical and ideological instance where in which the speakers are constituted and constitute the other. In this paper, based on the Dialogic Discourse Analysis, we intend to investigate the constitution of the author as a subject by means of the use of the reported discourse in the enunciative process in political cartoons. Within a sample of such cartoons, we analyzed the processes of constitution/representation of the subject in enunciation and point out how it is constituted as a singular subject in an extremely dialogical medium. We describe this process as authorship.

**KEYWORDS:** Enunciation. Reported discourse. Authorship.

## Introdução

O desenvolvimento da tecnologia e o refinamento das diferentes formas de comunicação midiática proporcionaram uma revolução na forma de interagir do homem contemporâneo. Há algum tempo que a palavra rompeu as fronteiras da oralidade e da escrita e integrou-se a outros domínios semióticos como o áudio, o vídeo, o gesto. Mas, como se dá essa inter-relação quando o elemento verbal não é o único presente em determinado enunciado? Como o sujeito se inscreve num domínio discursivo que conjuga diferentes materialidades, como a verbal e a verbo-visual?

Objetivamos, neste artigo, refletir, à luz da Análise Dialógica do Discurso, sobre a constituição dos sujeitos na produção de enunciados semioticamente híbridos e, especialmente, como articulam diferentes elementos na construção de seus projetos discursivos. A metodologia adotada é a da pesquisa bibliográfica e documental, cujo

---

\* Doutorado em Linguística; professor Adjunto da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (DLCV) e do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING). João Pessoa – PB – Brasil. Email: pedrofrancelino@yahoo.com.br.

*corpus* consta de um conjunto de charges, cartuns, tiras e outros gêneros discursivos verbo-visuais, como HQs, propagandas etc.

Para este momento, especificamente, faremos um recorte e analisaremos apenas duas charges que circularam em junho de 2011, no Brasil, cujo conteúdo dizia respeito ao escândalo em que teria se envolvido o até então Ministro da Casa Civil do Governo Dilma Roussef, o senhor Antônio Palocci Filho. A perspectiva teórica adotada é a da Teoria da Enunciação de Bakhtin/Volochinov ([1929]1999), Bakhtin ([1953] 2000) e dos postulados da Teoria/Análise Dialógica do Discurso, representados aqui pelos trabalhos de Brait (2005), Faraco (2003), Francelino (2007), entre outros.

As análises demonstram que o processo de constituição do sujeito nessas instâncias sociocomunicativas estabelece-se a partir das operações enunciativo-discursivas que realiza na elaboração de tais enunciados, caracterizados por constantes (re)formulações, (re)estruturações e (re)significações, aspectos esses representativos do espaço em que são produzidos/recebidos.

Esse trabalho está dividido em duas partes: na primeira, apresentamos uma breve resenha teórica dos principais conceitos que fundamentam a análise dos dados; a segunda parte consiste na leitura discursiva dos enunciados coletados, o que constitui a análise propriamente dita.

## **2 Autoria e constituição da subjetividade: aspectos linguístico-enunciativos**

O conceito de autoria<sup>1</sup> abordado neste trabalho foi formulado em pesquisa de doutorado (FRANCELINO, 2007), segundo a qual o sujeito, no uso que faz da linguagem, nas mais variadas esferas e situações da comunicação social, mobiliza basicamente três grandes domínios para a realização do ato de enunciação em que se constitui autor: o da discursividade, o da enunciação e o da língua. O sujeito assume uma responsabilidade enunciativa quando se insere numa determinada ordem de discurso, ou seja, quando se inscreve numa esfera de atividade humana, com todas as implicações que disso decorrem; ao fazê-lo, esse sujeito marca sua inscrição mediante utilização de índices linguísticos, com os quais produz os mais variados efeitos de sentido determinados pela situação sócio-histórica imediata e ampla em que ocorre o evento enunciativo.

No que diz respeito ao conceito propriamente dito, a autoria deve ser entendida como um aspecto inerente ao sujeito que enuncia, o que significa dizer que estamos sempre implicados naquilo que dizemos e na forma como dizemos. Isso acontece porque existem dois princípios de base nos quais a concepção de autoria aqui apresentada se apóia:

1.º - o *autor é uma instância individual que se constitui na alteridade*, isto é, o sujeito falante se constitui num espaço enunciativo abundantemente habitado por milhares de enunciados. É um processo de instituição de uma subjetividade, que se configura e ganha sua autonomia no processo interativo com outras vozes nas quais ele, o autor, se apóia ou contra as quais reage. Conforme o próprio Bakhtin (2000, p. 291) afirma:

O próprio locutor como tal é, em certo grau, um *respondente*, pois não é o primeiro locutor, que rompe pela primeira vez o eterno silêncio de um mundo mudo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que utiliza, mas também a existência dos enunciados anteriores – emanentes dele mesmo ou do outro – aos quais seu próprio enunciado está vinculado por algum tipo de relação

---

<sup>1</sup> Apresenta-se, aqui, apenas um roteiro da noção de autoria formulada em Francelino (2007), uma vez que, devido ao pouco espaço de que se dispõe, não é possível percorrer o trajeto teórico-metodológico norteador da formulação do conceito.

(fundamenta-se neles, polemiza com eles), pura e simplesmente ele já os supõe conhecidos do ouvinte. Cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados (BAKHTIN, 2000, p. 291). (Grifo do autor)

É interessante destacar a ênfase dada por meio do recurso tipográfico ao sufixo do radical “respond-” (“respondente”). O itálico, nesta edição, leva-nos a pensar no próprio ser humano (o “ente”). A condição de responsividade, de (re)ação, enfim, de atitude por parte do falante no processo interativo é tão constitutivo dele que a palavra utilizada por Bakhtin nos sugere isso: “respondente” é um ser fundamentalmente interativo. Passemos, agora, ao segundo princípio.

2.º - *o autor instaura um leitor/interlocutor no processo enunciativo, ou seja*, o ato de produção de um discurso, de um enunciado, enfim, de linguagem, dá-se pela inevitável presença do outro, desse outro que se constitui leitor/ouvinte de nossas palavras, de nossos atos, gestos, comportamentos. Esse leitor é presumido pelo autor, no processo dialógico da interação, de forma integral, ou seja, o autor o enxerga em sua formação social, histórica, psicológica, enfim, como uma entidade completa, e é esse perfil que determinará toda a produção discursiva do autor. De acordo com Bakhtin (2000, p. 320):

O índice substancial (constitutivo) do enunciado é o fato de *dirigir-se* a alguém, de estar voltado *para o destinatário*. Diferentemente das unidades da língua – palavras e orações – que são de ordem impessoal, não pertencem a ninguém e não se dirigem a ninguém, o enunciado tem autor (e, correlativamente, uma expressão, do que já falamos) e destinatário. Este destinatário pode ser o parceiro e interlocutor direto do diálogo na vida cotidiana, pode ser o conjunto diferenciado de especialistas em alguma área especializada da comunicação verbal, pode ser o auditório diferenciado dos contemporâneos, dos partidários, dos adversários e inimigos (...) pode até ser, de modo absolutamente indeterminado, o *outro* não concretizado (BAKHTIN, 2000, p. 320). (Grifos do autor)

Para compreender e apreender o funcionamento enunciativo da autoria no fio do discurso é preciso delimitar três características fundamentais desse processo.

a. *O autor atribui um “fim” provisório ao enunciado* – essa característica é típica do autor, que é a de um ser heterogêneo, plural, essencialmente dialógico. O autor dá um acabamento específico, relativo ao tema de um objeto de sentido (de discurso), ou seja, embora o tema seja, teoricamente, inesgotável, pois flutua nas mais variadas redes de enunciados, o autor imprime-lhe um acabamento relativo. Este acabamento ocorre em condições determinadas, em função de uma abordagem do tema, do material e do que se pretende atingir, isto é, dentro dos limites de um intuito por ele mesmo definido. Conforme Bakhtin,

Teoricamente, o objeto é inesgotável, porém, quando se torna *tema* de um enunciado (de uma obra específica, por exemplo), recebe um acabamento relativo, em condições determinadas, em função de uma dada abordagem do problema, do material, dos objetivos por atingir, ou seja, desde o início ele estará dentro dos limites de um *intuito definido pelo autor* (BAKHTIN, 2000, p. 300). (Grifos do autor).

No processo enunciativo, o sujeito autor, ao tratar de determinado(s) objeto(s) de discurso, esboça seu projeto discursivo em função das especificidades da situação imediata e do contexto mais amplo que ali se estabelece e em função, ainda, dos interlocutores ali presentes, de tal forma que estes compreendem com prontidão o que ele, o autor, quer dizer.

b. *O autor se manifesta nas variações que o gênero sofre no decorrer do processo enunciativo* – existem várias formas de estruturar enunciados, mas o autor desenvolve aquela que é adequada às condições. Isso é possível graças à variedade e à riqueza dos gêneros, que ocorrem justamente pelo fato de variarem conforme as circunstâncias, a posição social e o relacionamento pessoal dos parceiros. Tudo isso são fatores determinantes no processo de assunção da autoria, ou melhor, de manifestações de autoria, esse modo dialógico de apropriação do discurso. Conforme Bakhtin,

O querer-dizer do locutor se realiza acima de tudo na *escolha de um gênero do discurso*. Essa escolha é determinada em função da especificidade de uma dada esfera da comunicação verbal, das necessidades de uma temática (do objeto do sentido), do conjunto constituído dos parceiros, etc. Depois disso, o intuito discursivo do locutor, sem que este renuncie à sua individualidade e à sua subjetividade, adapta-se e ajusta-se ao gênero escolhido, compõe-se e desenvolve-se na forma do gênero determinado (BAKHTIN, 2000, p. 301). (Grifos do autor)

Ratificando a ideia apresentada na citação e, por conseguinte, a noção de autoria apresentada, é interessante perceber que a assunção desse lugar revela um espaço de tensão entre o que é da ordem da individualidade, da singularidade, da (aparente) homogeneidade e o que é da ordem da coletividade (sócio-histórico), da pluralidade, da heterogeneidade. Com efeito, o sujeito autor enuncia a partir dos elementos que compõem o enunciado alheio, isto é, ele garante sua singularidade nesse espaço enunciativo saturado pelos discursos de outrem.

c. *O autor realiza um trabalho de seleção/combinção lexical no plano lingüístico da enunciação* – esse princípio é manifestado pelo sujeito falante no exercício da autoria no trabalho de seleção e combinação das palavras da língua em que enuncia. Essa seleção ocorre em função de múltiplos aspectos, dentre os quais destacamos as condições amplas e imediatas da enunciação, ou seja, para que(m) eu falo, com que intuito eu falo, que papel(is) social(is) desempenha(m) meu(s) interlocutor(es) no processo enunciativo, e o *gênero discursivo* em que se dão as interações. Para Bakhtin:

[...] quando escolhemos uma palavra, durante o processo de elaboração de um enunciado, nem sempre a tiramos, pelo contrário, do sistema da língua, da neutralidade *lexicográfica*. Costumamos tirá-la de *outros enunciados*, e, acima de tudo, de enunciados que são aparentados ao nosso pelo gênero, isto é, pelo tema, composição e estilo: selecionamos as palavras segundo as especificidades de um gênero (BAKHTIN, 2000, p. 311). (Grifos do autor)

Outra faceta dessa atividade de seleção lexical operado pelo autor diz respeito ao tipo de relação que estabelece com a palavra. Segundo Bakhtin (2000), existe um nível de semanticidade que “preserva” a significação da palavra no processo de utilização coletiva, no uso cotidiano por seus usuários, o que “garante”, de certa forma, a compreensão mútua. Se fosse diferente, ou seja, se a cada momento que utilizássemos uma palavra seu significado flutuasse, não haveria comunicação entre os sujeitos falantes. Todavia, a individualidade e o contexto imprimem seus efeitos no uso da palavra no processo da comunicação verbal humana. Nesse sentido, a palavra apresentará três aspectos que representam bem a relação autor–linguagem no processo interativo de produção de sentidos; esses aspectos configuram simultaneamente e de igual forma a identidade do sujeito autor na enunciação. Bakhtin resume-os da seguinte forma:

Pode-se colocar que a palavra existe para o locutor sob três aspectos: como *palavra neutra* da língua e que não pertence a ninguém; como *palavra do outro* pertencente aos outros e que preenche o eco dos enunciados alheios; e, finalmente, como *palavra minha*, pois, na medida em que uso essa palavra numa determinada situação, com uma intenção discursiva, ela já se impregnou de minha expressividade (BAKHTIN, 2000, p. 313). (Grifos do autor)

A citação acima nos permite, na aplicação que ora se faz, pensar o autor como uma instância subjetiva que, apesar das coerções sócio-históricas que perpassam sua formação, relaciona-se com a linguagem visando à produção de determinado(s) efeito(s) de sentido nas situações de uso da linguagem, isto é, a palavra é também *minha* e está revestida de um “querer-dizer”.

É possível perceber, ainda, segundo o fragmento citado acima, que se trata de uma única e mesma palavra, porém, assumida por seu falante de forma bastante específica, a depender da situação. O autor, nesse aspecto, é aquele que trabalha num espaço em que as palavras apresentam-se móveis, flutuantes, polissêmicas, ocupando este ou aquele espaço sócio-histórico e, para usar uma tese bakhtiniana, refletindo e refratando tal espaço. O autor institui-se como tal nessa instância saturada pelos *enunciados-outros*, constituindo-se singular em meio à pluralidade e à diversidade.

Considerando os princípios e a caracterização apresentados, é preciso reafirmar que o autor é uma instância que administra a pluralidade discursiva de seu espaço enunciativo e que atua, nesse gerenciamento, com estratégias diversificadas e complexas de introdução e de organização do discurso de outrem em seu discurso, mediante uso dos mais diversos mecanismos de ordem gramatical e textual. Nesse sentido, a posição de autor no discurso corresponde a um modo específico de enunciar, isto é, o sujeito se constitui como tal ao emaranhar-se numa rede de palavras com as quais as suas se fundem, muitas vezes sendo difícil apreender linguisticamente as fronteiras que as separam. Essas palavras que povoam o discurso do sujeito autor já vêm apreciadas, valoradas, impregnadas de pontos de vista de outros enunciadadores com os quais mantêm uma relação- imediata ou ampla – neste imenso universo discursivo em que se situam. Conforme Bakhtin (1993, p. 82), “o verdadeiro meio da enunciação, onde ela vive e se forma, é um plurilingüismo dialogizado, anônimo e social como linguagem, mas concreto, saturado de conteúdo e acentuado como enunciação individual”.

A singularidade do ato enunciativo do autor dá-se numa instância complexa e amplamente saturada, fortemente acentuada pelo tom valorativo expresso por outrem. Cabe ao autor, então, administrar essa dialogização e submetê-la ao seu querer-dizer. Bakhtin (1993, p. 86) afirma que “[...] é particularmente no processo da mútua-interação existente com este meio específico que o discurso pode individualizar-se e elaborar-se estilisticamente”. Tudo isso fica melhor explicitado nos seguintes termos:

[...] todo discurso concreto (enunciação) encontra aquele objeto para o qual está voltado sempre, por assim dizer, já desacreditado, contestado, avaliado, envolvido por sua névoa escura ou, pelo contrário, iluminado pelos discursos de outrem que já falaram sobre ele. O objeto está amarrado e penetrado por idéias gerais, por pontos de vista, por apreciações de outros e por entonações. Orientado para o seu objeto, o discurso penetra neste meio dialogicamente perturbado e tenso de discursos de outrem, de julgamentos e de entonações. Ele se entrelaça com eles em interações complexas, fundindo-se com uns, isolando-se de outros, cruzando com terceiros; e tudo isso pode formar substancialmente o discurso, penetrar em todos os seus estratos semânticos, tornar complexa e sua expressão, influenciar todo o seu aspecto estilístico (BAKHTIN, 1993, p. 86).

Ainda nesse contexto, outro aspecto não menos importante é o de que, mesmo se utilizando das diversas vozes que permeiam sua enunciação, o autor não elimina os valores sócio-ideológicos que estão impregnados no discurso de outrem. Ele faz uso dos discursos já habitados pelas intenções sociais de outrem, mas o faz obrigando-os a servir às suas intenções, aos seus propósitos. Isso implica dizer que, nessa relação dialógica, o autor desempenha um trabalho de organização discursiva que o leva a administrar as vozes ressonantes e dissonantes que atravessam sua enunciação. Nas análises, isso será visto na forma como os autores das charges subvertem os discursos com os quais interagem, provocando o efeito de sentido humorístico.

Dizemos, então, que a voz autoral movimentada-se nesse universo espaciotemporal habitado por várias vozes que são convocadas pelo autor para atuarem favoravelmente a si, conforme nos diz Faraco:

O sujeito tem, desse modo, a possibilidade de singularizar-se e de singularizar seu discurso não por meio da atualização das virtualidades de um sistema gramatical (como quer a estilística tradicional), ou da expressão de uma subjetividade pré-social (como querem os idealistas), mas na interação viva com as vozes sociais. *Autorar*, nessa perspectiva, é orientar-se na atmosfera heteroglótica; é assumir uma posição estratégica no contexto da circulação e da guerra das vozes sociais; é explorar o potencial da tensão criativa da heteroglossia dialógica; é trabalhar nas fronteiras. (FARACO, 2003. p.83) (Grifo do autor).

Como demonstrado nesta citação, o sujeito autor constrói uma imagem de um ser singular, individual, no processo enunciativo, mas o faz a partir de uma construção extremamente dialógica, pois o próprio Bakhtin (1993) já afirmara que a concepção que o discurso tem de si é dialógica. Ainda segundo a visão bakhtiniana de linguagem e da própria existência humana, o autor se constitui como tal não porque sua voz se destaca na enunciação como “a” voz (a voz que comanda, do todo de uma hierarquia, as demais vozes), mas como mais “uma” voz em meio a outras. Sua voz se faz ouvir “entre” outras, ou, como afirma Sobral, “só me torno eu entre outros *eus*” (SOBRAL, 2005, p. 22). (Grifo do autor).

Pode-se dizer, por fim, que o autor marca sua individualidade na expressão de seu querer-dizer, de seu projeto discursivo, enfim, de sua potencialidade para o diálogo. Uma vez exaurida no espaço multifacetado e saturado da enunciação, a palavra é (re)significada pelo sujeito autor, no contato que ela mantém com a realidade sócio-histórica que a recebe. Vejamos, a seguir, a análise das amostras selecionadas para esse artigo.

### **3 Análise de uma prática autoral no gênero *charge***

Uma das características mais relevantes do enunciado é o de que ele é situado sócio-historicamente e apresenta certas especificidades linguístico-discursivas que o diferenciam de outras unidades de análise de linguagem, como é o caso da oração, conforme bem já apontou Bakhtin (2000). No caso da charge, existem características de natureza semiótica que possibilitam a percepção clara dos embates discursivos que se travam entre as diversas entonações e expressividades no espaço enunciativo. Essas características abrangem a própria natureza semiótica do gênero (como a necessária relação entre linguagem verbal e não-verbal, resultando num gênero verbo-visual); a sua organização textual (ela apresenta uma coerência interna resultante da combinação desses tipos de linguagem); e, ainda, sua estrutura enunciativa (ela veicula uma posição ideológica, uma visão de mundo, um ponto de vista acerca de um objeto de discurso).

A charge caracteriza-se, por natureza, como um texto híbrido, que conjuga elementos semióticos diferentes, como imagem e palavra. Em alguns casos, como as charges publicadas no site Humortadela<sup>2</sup>, há presença de elemento sonoro (as chamadas charges animadas), o que amplia a potencialidade de multiplicidade de sentidos do gênero discursivo. Esse aspecto, o da configuração do gênero, é relevante na leitura que se fará do enunciado porque ele é revelador da forma específica de construção de sentido e de constituição do sujeito nesse tipo de formulação.

As charges a serem analisadas adiante apresentam como conteúdo temático o escândalo veiculado pela mídia brasileira no qual teria se envolvido Antônio Palocci Filho, até então ministro da Casa Civil no mandato da Presidenta Dilma Rousseff. Foi um acontecimento que chamou a atenção de toda a mídia (inter)nacional, incluindo aí a mídia virtual, com publicações de uma grande quantidade de charges com temática política, conforme foi possível observar em sites nacionalmente conhecidos, como o *Humortadela* e *A charge online*. O texto a ser analisado a seguir é de autoria de Zope.

Figura 1 – Charge de Zope



(Fonte: <http://caderninhodamemeia.blogspot.com/2011/06/charges.html>)

A construção de um dos possíveis sentidos veiculados no enunciado acima vai demandar de seu leitor o conhecimento de uma das passagens mais célebres registradas no texto-base do Cristianismo, ou seja, a Bíblia Sagrada: a realização de um milagre. Tal fato é relatado nos Evangelhos e refere-se ao ato realizado por Jesus Cristo, em certo momento de sua existência, em que havia uma grande multidão faminta e apenas cinco pães e dois peixinhos para alimentá-la. No relato do texto sagrado, Jesus chama seus discípulos e pede-lhes que comecem a distribuir o alimento a toda a população presente, ordem que é acatada por eles. O texto relata que todas as pessoas foram suficientemente alimentadas e que houve uma sobra significativa de alimento, a despeito da grande quantidade de pessoas, o que caracterizaria o milagre.

A narrativa bíblica em destaque é retomada, do ponto de vista do material semiótico visual, a partir da imagem de dois ícones: o primeiro, a imagem de Cristo, com vestes e aparência típicas de seus contemporâneos; o segundo, por sua vez, aparece na figura da cesta de pães, embora os traços dos rostos não demonstrem sinais de alegria, de felicidade, o que contraria a perspectiva bíblica apresentada, de uma experiência bem-sucedida.

O elemento que surge numa direção contrária à paráfrase do texto sagrado aparece na imagem do ministro Antônio Palocci, que aparece na charge com um “ar” intimidador, acompanhado de uma grande quantidade de sacolas de dinheiro. O que teria a ver a passagem do texto sagrado com a figura do Palocci, nesse contexto? O texto verbal é o aspecto que, nesse caso, contribui para a construção do sentido do texto, uma vez que o

<sup>2</sup> Acesse [www.humortadela.com.br](http://www.humortadela.com.br).

ministro teria o “poder” de multiplicar, vinte vezes mais, a sua fortuna (“vamos saindo que com esse aí não dá para competir!”).

A autoria desse texto revela-se na composição de um quadro enunciativo bastante denso, que envolve a instauração de um ponto de vista crítico, zombador, tecido a partir da convergência de alguns discursos bastante recorrentes em diversas sociedades: o discurso religioso, concretizado na menção às Escrituras Sagradas; o discurso político, concretizado na imagem do ministro Palocci e nas cifras das sacolas de dinheiro; e o discurso jornalístico, concretizado no efeito de sentido ou tom de denúncia, de zombaria, que se pode depreender na leitura do texto.

Do ponto de vista da caracterização do autor desse enunciado, podemos considerar que sua formulação não se dá no vácuo, no vazio, mas em um espaço discursivo amplamente saturado, discutido. Diversos outros enunciados, como notícias, reportagens, paródias, charges, também veicularam essa temática e foram publicados na mídia impressa, televisiva e virtual, no país e fora dele, com impactos e reflexos internacionais. Segundo Bakhtin/Volochinov (1999, p. 86): “O enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto da enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social”.

Nesse caso, o autor do texto se responsabiliza, nos planos linguístico e discursivo, pela circulação de um ponto de vista que depõe contra a imagem e a atitude do sujeito retratado. Esse ponto de vista é sustentado pelo enunciado verbal e pela apresentação de sujeitos, no plano da imagem, moralmente díspares, totalmente opostos em matéria de caráter. Jesus, considerado homem simples, humilde é contrastado com a presença imponente e arrogante do Ministro Palocci.

O interlocutor presumido, o usuário do site no qual se publicou a charge, não é um ser privado de palavras, como diria Bakhtin (2000), mas um ser de contrapalavras, capaz de responder/reagir às diferentes posições. O chargista, autor do enunciado em análise, formula seu discurso prevendo todas as possíveis reações de seu interlocutor, razão pela qual defendemos que a autoria reclama o diálogo, este entendido inclusive como arena. Afinal, sabemos que essa charge cumpriu, no mínimo, a sua dupla orientação social: agradou a muitos que se sentiram lesados, enganados pelo enriquecimento do ministro, mas desencadeou, por outro lado, irritação e fúria em outros.

No que diz respeito às características pontuais da autoria, no fio do discurso, notamos o acabamento relativo que é dado ao enunciado, ou seja, ele constitui mais um elo, para usar uma metáfora bakhtiniana (2000), na imensa rede de comunicação verbal em que surge, circula e é recebido. Até que seja abundantemente exaurida, essa temática permeia um número significativo de enunciados em uma sociedade, como acontece nesse momento, em que a charge está sendo retomada, aqui, em um artigo científico, com um projeto discursivo diferente daquele em que inicialmente apareceu.

Do ponto de vista linguístico-lexical, o autor reitera a crítica social que faz ao sujeito em questão, ao afirmar que não é possível competir com alguém do porte de Palocci, enunciado esse que se apresenta de forma irônica, sarcástica, que é o propósito do autor. Nesse caso, a seleção lexical operada reflete a entonação expressiva do autor ao censurar o acontecimento retratado na charge. Feitas essas considerações, tomemos mais um exemplar do gênero que trata da mesma questão. Coloquemos em relação dialógica os dois enunciados e vejamos o que é possível constatar.



Figura 2 – Charge E agora, Mister M?, de Amarildo



(Fonte: <http://amarildocharge.wordpress.com/2011/05/19/e-agora-mister-m-2/>)

A charge acima constitui mais um enunciado que circulou na época em que se deram as denúncias de atos de corrupção atribuídos ao ministro Palocci. Nesse caso específico, o efeito de humor já é visível na parte verbal do texto e, assim como no exemplo anterior, exige de seu leitor o conhecimento da personagem que aparece ao lado do ministro: o mágico *Mister M*. Este ficou conhecido em todo o mundo por sua iniciativa de revelar, em rede mundial, os bastidores dos truques de mágica mais difíceis. Ele revolucionou o campo do ilusionismo, revelando os segredos de muitos mágicos. No Brasil, o *Fantástico*, programa jornalístico da Rede Globo de Televisão, exibido aos domingos, reservou um quadro específico para esse fim.

No texto acima, *Mister M* aparece com uma fisionomia de desapontamento ante o ato realizado pelo personagem caricato do ministro Palocci, qual seja, o de, como num passe de mágica, aumentar consideravelmente sua fortuna alegando, apenas, o seu trabalho de consultoria a empresas, o que, segundo foi registrado, seria incompatível com a natureza da atividade. *Mister M*, conhecedor de todos os truques de mágica, na situação retratada, desconhece qualquer explicação lógica que justifique a fortuna. Já o ministro Palocci aparece caracterizado como mágico, que concretiza a posição valorativa do autor da charge, para quem o ministro representa um político maculado pela corrupção.

No que se refere à questão autoral, o chargista manifesta seu ponto de vista acerca de um fato do mundo discursivo real, concreto, desde o momento em que instaura um interlocutor potencial com quem divide seu posicionamento sobre o fato. A construção do texto, como é próprio do universo midiático e, particularmente, desse gênero, dá-se de uma forma explicitamente dialógica, uma vez que articula, em seus planos linguístico e visual, discursos outros, provenientes de outros contextos discursivos, como a alusão ao *Mister M*, do campo do ilusionismo. É por essa razão que nossos enunciados são sempre orientados para um interlocutor e é em função deste que os elaboramos. A intersubjetividade é condição da existência do sujeito da linguagem. Na proposta de Bakhtin (2000, p. 290),

[...] o ouvinte que recebe e compreende a significação (lingüística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude *responsiva ativa*: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar etc. e, esta atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso, às vezes já nas primeiras palavras emitidas pelo locutor (BAKHTIN, 2000, p. 290). (Grifo do autor)

Do ponto de vista linguístico, ainda é possível inferir, na leitura da parte verbal do enunciado, que há uma tendência natural, pelo menos na prática de alguns de nossos

políticos brasileiros, de justificar os atos ilícitos praticados. Observamos que a fala de *Mister M* sugere um trecho de uma conversação mais ampla, isto é, sugere um momento da interação em que, não se deixando convencer pelos vários argumentos apresentados pelo ministro, insiste em afirmar que não há explicação para os fatos apresentados. O “sinto muito” soa como se ele já estivesse entediado e cansado de ouvir justificativas para o ocorrido.

Para finalizar, destacamos o aspecto que consideramos mais relevante nessa reflexão que desenvolvemos sobre autoria, que é o fato de o sujeito assumir sua responsabilidade linguística, enunciativa e discursiva diante de enunciados que já apareceram em outros contextos enunciativos, formulados por outros sujeitos falantes e como parte de outros propósitos/projetos comunicativos. O (re)aparecimento desses enunciados, todavia, implica operações enunciativas de natureza muito complexa, que envolve (re)construções, (re)formulações, (re)estruturações, (re)significações, enfim, formas outras de dizer o mesmo, com sentidos outros; é exatamente nesse processo em que o sujeito se apresenta como autor.

### **Considerações finais**

Ao ocupar um espaço linguístico-textual e enunciativo-discursivo, o sujeito autor (no caso, o produtor da charge) situa-se numa zona tênue e fluida de uso da linguagem, colocando-se entre o que é da ordem do individual e o que é da ordem do social, ou seja, o espaço de sua constituição/ representação é caracterizado pela forte tensão entre aquilo que é seu, ou seja, a organização temática, estilística, composicional e aquilo que vem do outro.

O universo discursivo do sujeito autor é povoado por outras produções discursivas, provenientes de sua relação com seus interlocutores imediatos, nas interações cotidianas, e por sua relação com a exterioridade que o constitui, ou seja, com o conjunto de enunciados consolidados sócio-historicamente – o interdiscurso. Nesse sentido, sua inserção na ordem da discursividade só lhe é atribuída se sua inscrição se der na ordem da heterogeneidade do discurso, esse lugar amplamente habitado, povoado, pois essa é a condição para que ele efetive seu espaço no cenário enunciativo, assumindo a posição de autor.

Nossas expectativas apontam, com base nos dados analisados, para a descoberta de outros elementos e categorias enunciativo-discursivos capazes de descrever, pontualmente, no fio do enunciado, o funcionamento da autoria em gêneros do domínio midiático de enunciação.

### **REFERÊNCIAS**

BAKHTIN, M. [Volochinov]. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira; com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Frateschi Vieira. 6. ed. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. [tradução feita a partir do francês por Maria Ermantina Galvão; revisão da tradução Marina Appenzeller]. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BRAIT, Beth. *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

CHARGE de Zope. Disponível em:

<<http://caderninhodamemeia.blogspot.com/2011/06/charges.html>>. Acesso em: 24 jun. 2011.

CHARGE E agora, Mister M?. Disponível em:

<<http://amarildocharge.wordpress.com/2011/05/19/e-agora-mister-m-2/>>. Acesso em: 15 maio 2006.

FARACO, C. A. *Linguagem e diálogo: as idéias lingüísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola, 2003.

FRANCELINO, Pedro Farias. A autoria no gênero discursivo aula: uma abordagem enunciativa. 2007. 230 f. Tese (Doutorado em Linguística), Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

GERALDI, J. W. *Ancoragens bakhtinianas*. São Carlos, SP: Pedro & João, 2010.

SOBRAL, A. Ato, atividade e evento. In: BRAIT, B. (Org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

VOLOCHINOV, V. N. [1926]. *Discurso na vida e na arte: sobre a poética sociológica*. Trad. de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza da edição inglesa de TITUNIK, I. R. "Discourse in life and discourse in art – concerning sociological poetics". In: VOLOSHINOV, V. N. *Freudism*. New York: Academic Press, 1976.

VOLOCHINOV, V. N. A estrutura do enunciado. Trad. de Ana Vaz, para fins didáticos, com base na tradução francesa de Tzevan Todorov ("La structure de l'énoncé, 1930). In: TODOROV, T. *Mikhail Bakhtine: le principe dialogique*. Paris: Seuil, 2005. p. 287-316.

Recebido em setembro de 2011.

Aprovado em outubro de 2012.